



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC



O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

23 de Maio de 2009 • Ano LXVI • N.º 1701
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



Foi inaugurando no dia 19 de Abril, o busto de Pai Américo, no largo fronteiro ao portão de entrada da Casa do Gaiato. O trabalho é da autoria de Luís Mendes, neto da Obra, A Obra e o Pensamento de Pai Américo.

Aos senhores Presidentes da Câmara Municipal de Penafiel e da Junta de Freguesia de Paço de Sousa e a todos quantos os acompanharam; ao Senhor Padre Sousa Alves, que benzeu o Monumento; e à população em geral que aderiu em massa a esta simples, mas significativa, homenagem o nosso agradecimento.

Pai Américo já é santo no coração do Povo e, mais tarde ou mais cedo, sê-lo-á nos altares, não percamos a fé nos desígnios insondáveis da Providência divina.

Maurício Mendes

PADRE FRANCISCO

Padre João

MORREU o padre Francisco Antunes. Sacerdote do Presbitério de Coimbra, viveu sempre numa grande proximidade com a Obra da Rua e particularmente com tudo o que dizia respeito ao Padre Américo do qual, mesmo sem o veredicto da Igreja, era já devoto e grande fomentador da sua espiritualidade. Desejoso de ver correr o processo da sua beatificação, já introduzido e presentemente em Roma, é de sua autoria uma simples pagela que circula, com aprovação eclesiástica nestes termos:

«Deus Pai misericordioso, que concedestes ao Vosso servo Américo, sacerdote, o dom de partilhar a vossa paternidade e uma extraordinária luz para descobrir no pobre abandonado o Vosso rosto, fazei que eu saiba, como ele, dar-me a todos os homens. Dignai-Vos glorificar o Vosso servo Padre Américo e concedei-me, por sua intercessão, a graça que vos peço. Amen.»

Pela sua compleição física e refinada sensibilidade humana era, às vezes, no trato íntimo e familiar, o nosso padre Xiquito. As suas virtudes humanas, pautadas pela descrição, eram de todos, particularmente dos sacerdotes, sobejamente conhecidas. Mas era, de modo particular, a santidade da sua vida que fazia ir à sua procura e ao seu encontro. Padre Francisco tornava-nos mais próximos de Deus indicando caminhos seguros e apontando metas.

Continua na página 4

SETÚBAL

Padre Júlio

Os Pobres dão lições de humanismo

HÁ muito tempo que não ia visitar aquela família pobre. A mãe, anda agora com muita dificuldade, quase não consegue já sair à rua. O seu «menino», adulto na idade, acamado de nascença, continua o desvelo das suas atenções. «Não tenhas medo Zé», foi-lhe dizendo à medida que nos aproximávamos, para que a nossa presença, não habitual, não lhe provocasse qualquer temor.

Este quadro, um testemunho vivo da verdadeira família humana, apareceu a meus olhos como o seu paradigma ou como pedra de tropeço para a gente que vive nos nossos dias.

Os Pobres são de facto quem nos dá as maiores lições de humanismo, porque vivem no meio de grandes dificuldades. Um huma-

nismo em que Deus mergulhou, a ponto de se confundir o Criador e a criatura.

No homem de valor no contexto social, não se inclui a sua fragilidade e limitações. Não se vislumbra qualquer espécie de alegria no homem frágil e limitado. O mesmo não se pode dizer de quem interpreta e vive essa experiência. Aqui o homem vale por si, não tem mais ou menos valor pela circunstância da sua vida.

Tudo na vida dos Pobres é real, muito marcada pela presença e força do Sobrenatural. Por isso na sua vida se confundem as duas dimensões. São vidas próximas da verdade, nem idealistas nem realistas.

São de grande valor as lições que nos deixam. As contrariedades e as dificuldades são par-

tilhadas, sofrem-se em comum, por isso nunca os vencem. Um simples olhar e lamento de coração, encontra no eco do outro a força para vencer. Ilustram que para haver família é preciso que os seus membros sejam pobres de coração. Partilhem as suas vidas. Tenham a vida em comum num só coração.

Como é difícil por isso fazer e haver família hoje! O mundo não ajuda nada, antes pelo contrário. Até a própria Lei lança as suas farpas enfraquecendo ou criando clivagens no contexto da família.

Deus deixou-nos os Pobres. Deixou-Se ficar neles, e neles continua entre nós. Subindo ao Céu Cristo não nos deixou, ficando o Céu presente na terra. Isto é o garante de que o homem tem futuro. □

A Família Angolana

Padre Carlos

QUANDO, em fins de 1963, chegámos a Benguela para ficar, estavam já quarenta e muitos Rapazes quase todos mestiços — nem me lembro se com alguma excepção — pois a Família Alargada funcionava saudavelmente entre os negros e não era relevante o problema de crianças deles sem ninguém. Foi uma boa impressão que logo nos surpreendeu e que manifestámos várias vezes ao longo destes quarenta e seis anos.

Hoje não é assim. As migrações para as maiores cidades, sobretudo para o litoral, provocadas pela guerra, explicam a dispersão de muitas famílias, o enfraquecimento do vínculo entre os seus membros e a abundância de casos de abandono para que se não vê solução rápida e eficaz. Um exemplo ilustrativo que aconteceu estes dias: a Polícia de Benguela apresenta-nos um pequeno de dez anos que se diz trazido de Luanda, não sabe por quem, «para um passeio à praia» e que encontraram abandonado na cidade. Claro que o recebemos por emergência mas com a condição de rapidamente se procurar conhecer a trama desta história. E apesar de publicitado o relato do miúdo em programa próprio da televisão, vão quinze dias passados e nada se apurou. Será que da família ou da vizinhança dela, ninguém deu pela falta da criança e, sabendo destes meios de comunicação que noto serem muito conhecidos, não teve sinal para dar sinal de vida?!

Sintomas, pois, de uma consciência adormecida para os valores da Família e deveres concomitantes em que este Povo era exemplar dezenas de anos antes. Me parece este um dos aspectos mais trágicos do desmoronamento social que o vitima: a perda de virtudes ancestrais que o caracterizavam e julgo básicas para a sua reconstrução como Nação forte para gerir e possuir com justiça tantos bem em que a Natureza lhe foi pródiga.

Depois o problema das crianças sem família crescente nesta sociedade predominantemente jovem onde se multiplicam as mães adolescentes que arrastam os seus filhos sem terem pai para lhes dar. Os nossos padres aqui residentes tantas vezes apontam este drama que, se não encarado prioritariamente, tem necessariamente de acompanhar o desenvolvimento económico e em todas as áreas em que ele se promove. A quem irá ele beneficiar se a sociedade se não realiza em sua estrutura fundamental que é a Família?!

As igrejas têm aqui grande papel, sem dúvida. Mas é a própria Sociedade Civil que tem de assumir esta organização, dando-lhe a importância que ela tem. Inércias passadas exigem dobrado esforço de remissão na procura de um progresso que não há-de exprimir-se apenas no campo da Economia. Há uma Economia do Humano em que a Ordem Social exige um grande esforço em sectores como o da Educação, da Saúde e do Trabalho. É certo que noto já algum despertar para estes assuntos, mas há que apressar o ritmo do seu tratamento, pois o tempo voa, as gerações sucedem-se e os problemas todos os dias se avolumam. O mundo que nos envolve, apesar de ainda carente em muitos bens essenciais, vai promovendo o facilitismo que constitui terra perigosa, sobretudo para a juventude que cresce na ilusão e sempre vai arrançando esquemas para o supérfluo. Estas são as gerações que, formadas na austeridade, só assim podem garantir uma Angola verdadeiramente autónoma, livre de subversões internas em que o mundo dos interesses financeiros é muito hábil.

Hoje não, que o espaço não perdoa. Mas espero, nesta linha, voltar ao assunto com uma experiência feita nos passados Novembro e Dezembro e que julgo sugestiva do perfil do angolano que quer construir e possuir a sua Pátria. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRO-PECUÁRIA — Nos campos de milho grão, na terra nova e no lameiro, junto da rotunda Padre Américo, já germinaram as plantinhas; que beneficiaram de alguma chuva. Nos campos de batateiras, na terra dos grilos, as plantas desenvolveram algumas folhas. Foi necessário fazer um tratamento contra o míldio. Entretanto, na horta o terreno foi preparado para algumas culturas. Na feira de 6 de Maio, compraram-se 31 centos de pés de cebolo, que foi plantado. Também se transplantaram algumas alfaces.

Um Amigo de Lamas deu-nos alguns coelhos, que têm aumentado, pois já temos 17. A 11 de Maio, procedeu-se à vacinação contra a língua azul, nos ovinos, cujo efectivo tem 6 adultos e 5 jovens. A passadeira anda muito animada. Cada vez tem mais pombos, pois estão a ser criados alguns borachos.

ANIVERSÁRIOS — Continuamos a festejar os dias em que nascemos, com bolos de aniversário. Em Abril: a 26, Bruno Silva (17 anos). No princípio de Maio: a 1, Rúhen Fonseca (22 anos); a 5, Pedro Costa (17 anos). Muitos parabéns!

ANTIGOS GAIATOS — Alguns antigos gaiatos de Paço de Sousa fizeram um passeio, a 1 de Maio, com passagem pela nossa Casa do Gaiato. Nesse feriado, chegaram depois de almoço e visitaram a nossa Casa. Entretanto, houve um jogo de futebol, em que nós vencemos. Alguns antigos gaiatos do Centro também vieram e colaboraram. Nas mesas junto às oficinas, seguiu-se uma merenda, que oferecemos, em que nos reunimos, em agradável convívio, de amizade.

RAPAZ NOVO — Continuam os pedidos de entradas de Rapazes. De facto, a 16 de Abril, quinta-feira, o nosso Padre Manuel e o Prof. Paulo deslocaram-se a Casal da Mira, Amadora, para receber o Aiyune Francisco, de 7 anos. Felicidades!

FESTA EM COIMBRA — A nossa festa-encontro, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, a 9 de Maio, Sábado, às 15.00h, foi um espectáculo de grande sucesso. Há cerca de 10 anos que não havia uma festa, feita por nós, dessa dimensão, nesta cidade. À hora marcada, a afluência na entrada principal era muita. Encontraram-se muitos Amigos, antigos gaiatos e colaboradores voluntários da nossa Casa. Na plateia e no balcão, assistiram ao espectáculo cerca de meio milhão de pessoas. Teve a colaboração dos Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal, com os Jograis, a Marcha da Obra da Rua, e a Dança Africana. Deslocaram-se com o nosso Padre Júlio, a quem agradecemos a boa participação no espectáculo. Alguns Rapazes de Paço de Sousa também vieram. Apresentaram a festa o André e o Bruno Silva, com um guião preparado para o efeito. Os irmãos Fernando e Américo trouxeram os diaporamas da fotobiografia de Pai Américo e do Calvário; e foram responsáveis pela parte técnica. Os nossos Padre Manuel António e Padre Acílio deram testemunhos sobre as Casas do Gaiato em África (Malanje, Benguela e Maputo) e sobre o Património dos Pobres, respectivamente. A peça "Zé das Moscas" foi um grande momento de teatro, em que participaram: Rui (Zé das Moscas), Diogo Silva (Maria), Daniel Luís e Joaquim (vizinhos), Belizário (Médico), Feliciano (Polícia), Natanael (advogado), Igor (veterinário) e Arlindo (Juiz). Depois, foi lido um texto de Pai Américo, pelo Belizário, acompanhado à viola pelo Paulo Sousa. No final da primeira parte, os Batatinhas, da casa-mãe de Miranda do Corvo, cantaram várias canções e arrebataram o público. No palco, colocaram em destaque a frase de Pai Américo: *Eu quero os meus filhos no paraíso*. Foram eles: Victório, N'Goteló, Divino, Amadú, João, Luís Miguel, Aiyune, Arménio, Diogo Madeira, Paulo Costa, Fábio Fernandes e Diogo Silva. Foram bem ensaiados pela Prof.^a Paula e a sr.^a D. Nazaré; que, no guarda-roupa, teve a colaboração da D. Cecília. Nas danças modernas, participaram: Rui, Cristiano, Bruno Neves, Feliciano, Paulo Costa e Fábio. Foi apresentado, ainda, o teatro, de mímica "O Barbeiro", com o Prof. Paulo, o grande animador do teatro da nossa Casa, e vários Rapazes: Joaquim, Belizário, José, Arlindo, Natanael, Rui, Daniel Luís, Diogo Silva e Igor. Esta linda festa terminou, no palco, com o Hino a Pai Américo, cantado pelos Rapazes presentes, das várias Casas. O nosso Padre Manuel, a fechar, agradeceu, publicamente, a todos os Amigos da nossa Casa e aqueles que marcaram presença nesta festa-encontro. O Sr. Cônego André representou o Sr. Bispo da Diocese. No final, com alguns bens de antigos gaiatos e adquiridos por nós, foi distribuída uma boa merenda aos Rapazes presentes. Foi bem preparada, com a ajuda da D. Odete e D. Graça. Todos deixaram o Teatro Gil Vicente bem dispostos e com vontade de regressar. Agradecemos à direcção do TAGV e aos profissionais envolvidos a colaboração prestada. Foi um dia de grande alegria para toda a Família de Pai Américo! □

SETÚBAL

Rodrigo Rodrigues

FESTA — No dia 9 de Maio, por volta das 9 horas, partimos para Coimbra. Quando lá chegamos fomos fazer um curto ensaio para nos prepararmos melhor. Depois do ensaio fomos almoçar. Às 3 horas tivemos a nossa participação na Festa, organizada pela nossa Casa de Coimbra. Foi uma Festa bastante interessante e muito alegre. Todas as pessoas gostaram e contribuíram para que corresse bem.

DESPORTO — No dia 16 tivemos um jogo de futebol contra os rapazes da Casa de Paço de Sousa. Os rapazes de Paço de Sousa chegaram na sexta-feira à noite e foram dormir à nossa Casa da Arrábida. No dia a seguir vieram para a nossa Casa em Algeruz almoçar connosco. Pelas 15h30 tivemos o nosso jogo, que foi bem disputado e em que todos os jogadores gostaram de participar. Depois do lanche muito animado, os rapazes de Paço de Sousa partiram de regresso ao Porto.

PAINÉIS SOLARES — O «Monchique» e o sr. Paulo andaram a transformar a casita da limpeza na sala para ter os depósitos da água aquecida pelos painéis solares, que será servida na cozinha. Assim, com os painéis solares, ficará o ambiente menos poluído.

CAMPO — O Fernando anda a preparar os terrenos para se semear o milho. A batata já está pronta para se apanhar. Depois de semear o milho serão feitos os fardos de cevada, e serão guardados no palheiro. Os nossos rapazes do campo têm muito trabalho para fazer.

VISITA — Tivemos connosco o nosso Padre Manuel António, da Casa do Gaiato de Benguela, que celebrou connosco a Eucaristia, e nos falou sobre os seus rapazes mais pequeninos, muito parecidos com alguns dos nossos rapazes. Gostou muito de ter passado connosco o fim-de-semana, e esperamos que nos venha visitar mais vezes. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Na penúltima semana de Abril, o 8º ano realizou um exame intermédio com o objectivo de se ambientar à forma como é feita a prova, assim já ficam preparados para o próximo ano. O 9º ano fez o último exame intermédio no passado dia 11 de Maio antes da realização dos exames nacionais de português e matemática. Bom Trabalho!

ESTREIA — Seis homens, seis formas de estar, seis maneiras de pensar, um amor em comum, o Teatro! Numa sociedade que cada vez mais lhes vira as costas, eles asseguram o seu lugar! Numa noite resolvem ir buscar as suas memórias.

Esta síntese retrata a peça «Nós e os Outros — os malucos estão certos numa sociedade errada», que os Rapazes da Casa do grupo de Teatro estrearam em 9 de Maio, no nosso Salão de Festas. Com os ensaios árduos e enriquecedores, revelou-se um verdadeiro êxito no dia da estreia. Aos nossos amigos que estiveram presentes um muito obrigado.

Zé Reis

DESPORTO — Todos aqueles que jogam com amor à camisola, nunca dizem não na hora da chamada.

Desta vez, fomos até Trás-os-Montes, jogar com os Juniores do S. C. Vila Real, no Estádio onde a Selecção de Portugal jogou — não andamos a perseguir ninguém! Estádio lindo e relva bem tratada.

Em relação ao jogo, começamos mal, mas acabamos bem. Entramos em campo, parecíamos uns «meninos...». Todos emproados, vaidosos e com pouco sentido de responsabilidade. Logo aos dois minutos de jogo, sofremos o primeiro golo da partida. Pouco depois, empatamos por intermédio de Agostinho. Ainda na primeira parte, sofremos uma grande penalidade. Vimos a perder por 2-1 para o intervalo.

Aqui falamos, e foi dito... que não podia ser assim; que apesar de eles serem rápidos e estarem habituados ao relvado e às dimensões do campo, nós, também tínhamos capacidade, força e pernas como eles. Assim foi!

Uma segunda metade demolidora!

Foram 45 minutos jogados a uma velocidade incrível de parte-a-parte. Assim está bem! Assim já diz a «cara com a careta» — como diz o povo. Com 10 minutos jogados, empatamos por intermédio de Abílio, fazendo o 2-2. Eles fizeram o 3-2; Ilídio volta a restabelecer a igualdade, e faz o 3-3. Quando tudo estava a contar com o empate, mais eles do que nós, eis que voltamos a marcar por intermédio de «Bonga» — o grande impulsionador da equipa — e a registar mais uma vitória fora de casa. Resultado final: 3-4.

Quinze dias depois, dia de Festa rija.

É tudo muito lindo! Fazemos muitos jogos durante o ano, mas os jogos em Família, têm outro sabor.

Os Rapazes de Setúbal vieram na sexta-feira, 24 de Abril, ao fim do dia. Foram directos para o «Centro de Estágio» da Azurara — a nossa colónia de férias. Malandros! Sempre acompanhados pelo Zé Reis, Rapaz com capacidade para ocupar lugar de responsabilidade e com consciência daquilo que faz e do que deve fazer em benefício da comunidade.

Saíram de lá a meio da manhã do dia seguinte. Chegaram a Paço de Sousa fresquinhos para jogar, mas antes, como não podia deixar de ser, houve o almoço/confraternização. Almoço de Família! O ponto alto do encontro. Se fosse só por causa de um simples jogo de futebol, já era bom!, mas não era a mesma coisa.

É certo que todos querem ganhar, pois se assim não fosse... então... «pior estava o doente». Os Rapazes têm vida, têm saúde e querem dar largas à sua juventude. Querem conhecer os familiares e com eles conviver. Nós não nos podemos visitar assiduamente... E estes encontros, são fundamentais por causa disso mesmo. Estes convívios servem para reforçar os laços de amizade entre os Rapazes. É pena, que ainda haja quem os rejeite... Lá diz o ditado: «Lar que não é ralhado não é amado». As pequenas picardias dentro das quatro linhas e entre eles, não podem e não devem ser levadas a sério... Mas enfim!

Em relação ao jogo, tudo correu dentro da normalidade. Foi arbitrado pelo

nosso querido e amigo Vítor Carvalho (árbitro da Primeira Divisão Nacional) e seus auxiliares, que foram o garante da estabilidade dentro das quatro linhas. O nosso muito obrigado!

Começamos por fazer o primeiro golo do encontro por intermédio de Agostinho. Os Rapazes de Setúbal empataram com um auto-golo — infelicidade do nosso defesa Ronaldo. 1-1 era o resultado ao intervalo.

Aproveitamos o descanso para pôr os pontos nos is!

Logo aos dois minutos de jogo, da segunda metade, Abílio, na cara do guarda-redes de Setúbal, falha um golo certo. Pouco depois, Ilídio, de livre faz o 2-1; e Agostinho, bisca e aumenta a contagem para 3-1. Tudo estava a correr bem, como correu até ao fim, se não fosse o nosso guarda-redes deixar entrar um daqueles «capões de Freamunde», com penas, crista e tudo, alterando o resultado para 3-2. Acontece a quem ganha milhões, porque é que não há-de acontecer a quem só joga por amor à camisola?! Mas o melhor estava para vir. Já muito perto do fim, mais um auto-golo e desta vez, por Joel, que na tentativa de aliviar a bola, a introduziu na sua própria baliza, fazendo o 3-3. Resultado final. Assim ninguém perdeu!... Mas mesmo que o resultado não fosse favorável a um dos dois, tinha sempre ganho o Gaiato. E isso é que conta, ou deve contar para todos nós!

Depois do jogo, todos de «mãos dadas», fomos novamente para o nosso Salão Nobre, refeitório improvisado para este dia, e para numa merenda ajantada — para toda a comunidade — darmos continuidade a um dia de verdadeira Festa. Mais uma vez, toda a gente se entendeu, sem o menor «beliscão», em quem quer que seja. Todos tinham pensamento positivo, proporcionando assim, harmonia e o bem-estar de toda a Comunidade.

É bom que se diga, que toda a festa contou com a presença viva do nosso Padre João, Padre Júlio, Padre Manuel António e Padre João Luís. Este último, Amigo da Obra e particularmente da Casa de Setúbal.

Seria injusto terminar sem dizer que tudo isto foi possível, graças ao empenho e à dedicação dos rapazes que foram convidados para as diversas tarefas. Um dia de Festa! Um dia Feliz para toda a gente!

Alberto («Resende»)

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

PASSEIO-VISITA — Decorreu em 1 de Maio o nosso passeio-convívio a Fátima, de manhã, e, de tarde, à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Houve bastante adesão dos associados, uma vez que foram precisos dois autocarros. Na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo fomos recebidos pelo Padre Manuel Mendes. Do programa constava um jogo de futebol com a Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Centro capitaneada pelo Chiquito-Zé. Interessa realçar, o aprofundar dos laços de união fraterna entre os Gaiatos e o salutar convívio entre as Associações, que se pretendem renovados. No final, fomos presenteados pelos nossos anfitriões com uma boa merenda, que nos renovou as forças e forrou os estômagos para o regresso a Casa. Houve ainda tempo, para afinar as vozes acompanhados das violas, pelo nosso grupo musical. Aqui, agradecemos mais uma vez, a disponibilidade e a paciência do Padre Manuel Mendes que nos soube receber com carinho e alguns bons conselhos. Ficamos à espera da retribuição da visita e da desforra do jogo.

LOJA SOCIAL — Continuamos empenhados em pôr de pé, o projecto da criação de uma loja de apoio a todos os associados e seus familiares. Ape-

lamos aos nossos amigos e benfeitores para nos enviarem alguns objectos que, embora funcionais, já não tenham outro uso que não seja ocupar espaço nas arrecadações e nas garagens, como sejam: electrodomésticos, objectos de decoração e têxteis-lar, rádios, televisores, bicicletas; livros, enciclopédias, discos, cassetes, artigos de arte, etc.

Desde já agradecemos a D. Maria Teresa, da Rua Aliança, Porto, os objectos oferecidos para a nossa loja.

DONATIVOS — Damos conta de algumas ofertas monetárias dos nossos amigos que serão empregues para equipar a biblioteca e o bar-cantina da Associação, ainda para dinamizar algumas actividades culturais e recreativas. Assim: um donativo de 10 euros do associado n.º 2; O Fernando «Girafa» fez-se sócio e pagou as quotas, deixando ficar de sobra 4 euros, assim como o João «Nabo» e o Maciel; D. Anilda, idem. Queremos dar conta de um gesto que calou fundo nos nossos corações por parte dos alunos da catequese de Penafiel das turmas da catequista Fernanda Feijó e Maria, que nos doaram alguns presentes, entre eles, vários brinquedos e livros. Bem-hajam.

CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS — Continuamos a receber, a

bom ritmo, novas inscrições. Assim: os antigos gaiatos Fernando «Girafa», da Trofa; O «Tó Miranda», de Paredes. O António, filho do Rodrigo «Lobo», de Vila do Conde. O Francisco Moisés e a filha, Ana Isabel, de Lousada. A Maria Virgínia, esposa do «Tavira» e a Elvira Duarte, viúva do nosso «Bombeiro». Vários rapazes da Casa também se fizeram sócios, entre eles, o chefe maior al Cláudio Ângelo, «Bolinhas». Sejam todos bem vindos, pois a Associação será o que todos fizermos por ela. Agradecemos a amabilidade de alguns sócios que estão a efectuar o pagamento antecipado das quotas para o ano de 2009.

Todos os antigos associados devem reinscrever-se na nossa sede, ou contactar-nos através dos telms. 912163569, 917414417.

GRUPO DESPORTIVO — Estreamos o grupo de futebol no convívio com a Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Centro. Precisamos de mais treino e mais jogadores para que, quando chegar o dia de Pai Américo, possamos efectuar uma jornada desportiva bem disputada com os mais novos. Estão, desde já, todos convocados para

BENGUELA

Padre Manuel António

Tudo é obra do Amor

QUEM me dera escrever-vos de Benguela! Encontro-me ainda em Paço de Sousa, como ponto de irradiação para consultas e tratamentos médicos. Entretanto, experimento momentos felizes no encontro com grupos numerosos, de adultos e crianças, em visita à nossa Casa do Gaiato. O centro da Aldeia, a Capela, é o lugar do grande encontro. Pai Américo também nos fala.

Para as crianças, adolescentes e jovens, acompanhados pelos adultos, a nossa Casa do Gaiato continua a ser uma novidade, nos tempos de hoje. Quer ser a casa de família dos sem família. O filho pode ter pai ou ter mãe. Mas não chega, se lhe faltar a verdadeira relação afectiva. O drama de muitas crianças que as marca para toda a sua vida começa nesta ausência. Tantas rupturas afectivas no início da história de muitos filhos fazem o seu desequilíbrio humano, se não houver quem lhes dê a mão a tempo e

horas! A Casa do Gaiato quer ajudá-los a curar estes males tão profundos.

O interesse destes grupos que nos visitam leva-os a descobrir a mensagem escondida na beleza da nossa Aldeia. Tudo é para eles. Tudo é para estes filhos que perderam a sua família. Tudo é obra do amor. A única força verdadeiramente revolucionária e criadora numa sociedade nova, tão ansiada, é o Amor. Tenho sempre muito viva a história real dum pequenino da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Estava gravemente doente da coluna vertebral. Não sabia o que fazer, pois os meios locais não eram capazes. Um dia, sem contar, recebo um E-mail dum médico de Portugal, já conhecido, a perguntar-me se tinha uma criança para acolher em sua casa, educá-la até onde fosse capaz. Fiquei admirado com esta proposta! Dentro dos possíveis, foi eleito o que tinha a grave deformação vertebral. Só

encontrei facilidades nos caminhos legais. Foi aceite pela nova família e veio. Já foi operado. Está grande. A doença foi curada. Está lindo! Frequenta já a quinta classe da escolaridade normal. Fiquei encantado, quando o voltei a ver. A minha surpresa, porém, atingiu o ponto alto, ao ver que o casal tinha cinco filhos, aos quais se veio juntar o meu Manuel! Que maravilha! É um acto heróico, em todos os tempos, mas agora, que dizer? Onde está a força? Como se chama? Amor.

Num gesto real e simbólico, depois do encontro com os grupos, entregam os envelopes onde estão guardadas as suas ofertas que foram juntando ao longo do tempo da sua preparação. É a resposta dos «óbolos das viúvas» à pergunta quase sacramental que fazem sempre: «Como vivem? Onde recebem o necessário?» Pensam na sua família e imaginam quanto é preciso. Sim, recebemos do que nos dão, segundo a generosidade do coração de cada um, do nosso povo.

Queremos ser como o sementeiro: Lança a semente à terra, espera, confia, não desanima, porque semeia sempre com muito amor. □

MALANJE

Padre Rafael

Despertar consciências

LINO tinha os olhos cheios de tristeza, estava molhado porque L havia chovido, tentou fugir uma e outra vez, mas eu segurei-o com firmeza: meu abraço rompeu todas as suas defesas. Entretanto, entrámos no carro que nos trouxe de regresso, o carro da sua esperança. Parece que a sua mente está alterada. Fazia três dias que as Irmãs da Missão do Lombe no-lo trouxeram, fugiu de Casa pela manhã e percorreu mais de vinte quilómetros até chegar àquela que havia sido a sua primeira casa. Tem dez anos e seus pés estão cheios de feridas abertas. Lembro-me de, há alguns anos, uma bela criança nos braços dos missionários. Sua mãe morrera demente e nenhum dos membros da família ficou com ela.

Passados dois anos partiu e ninguém sabe por onde anda. Está de volta marcado pelas feridas, e não há quem o controle. Pediram-nos que o acolhêssemos em nossa Casa até que o Ministério o levasse para o bloco de psiquiatria de Luanda: — medo, violência e crueldade... os loucos são amaldiçoados e devem ser excluídos da sociedade. — Há algo em mim que resiste quando penso nisso.

Lino revelou-nos os seus medos e senti que os seus sentimentos não são diferentes dos meus, dos nossos: o medo de ser excluído, medo da rejeição e, sobretudo, a dor de a ter sofrido. Talvez possamos sossegar-lo. Seu médico chama-se Hugo, tem doze anos. Ver para crer. Hugo chegou a nossa Casa há dois anos e é como um pequeno Buda. Me disse Montse que, muitas vezes quando ela se altera com alguns, Hugo sempre aparece a interceder por eles. Para o caso, Lino calça, agora, as sandálias de Hugo porque não tinha nada, enquanto que Hugo calça os seus velhos sapatos.

Verdadeiramente, há corações escondidos naqueles que chupam menos pelo buraco do pacote de leite condensado para que outros possam chupar um pouco mais. Eu sempre soube que a compaixão é doce.

Hoje, parece que o Lino está em processo de cicatrização, não se reconhecem as mudanças, mas seu rosto já não reflecte medo. Sem o Hugo, isto não seria alcançado.

Este sábado tivemos uma reunião com os «capitães». Algumas vezes me parece que este grande barco, que é nossa Casa, mete água. Imagino que deve ser pela tentação de querer tê-lo todo controlado. É claro que não podemos prever todos os perigos que enchem o oceano, mas alguns, sim. Por isso, é bom que, de vez em quando, tentemos pôr sobre a mesa todo quanto não funciona como devia.

O nosso primeiro «capitão» expôs as principais avarias a bordo, eu simplesmente reforcei as estratégias deles. Em África é difícil programar seja o que for, existe uma espécie de alegria pela manhã, o facto é que a maioria não está atenta à programação do dia e é normal esquecerem as suas tarefas minutos depois de lhas ter indicado. Mas algo aconteceu, percebi o quão importante é deixá-los tomar o leme, confiar neles, correremos o risco de nos perdermos juntos em algum ponto do oceano. O importante é ir com eles. Todos os dias é possível aprender esta lição. Não é viver com os olhos e o coração no amanhã, sim no presente.

O mais importante foi despertar um pouco mais a consciência de ser responsável: em nossas mãos estão as possibilidades de fazermos e construirmos juntos uma vida que pode realmente ser cheia, que permita a cada um sentir em cada pulsação de liberdade que a felicidade existe. Um desafio profundo, sem dúvida. No meio da reunião fiquei surpreso ao descobrir, novamente, um surto de compaixão para com os outros. Na minha experiência de África, este sinal tem sido uma constante, talvez porque a pobreza nos torna todos irmãos em sofrimento, ou porque é parte da sua natureza... Penso que a compaixão exige reconhecer nosso lugar, abaixo, em humildade, porque nada podemos ter como nosso. E penso, também, que ainda estamos muito longe deste reconhecimento. Os rapazes, os mais pequenos, vivem naturalmente, porém nós temos de conquistá-los.

Padre Telmo está em Luanda, seu mundo é a Casa, não conhece outro. Toda a sua vida gira em redor deste eixo. Pequenas ou grandes coisas, mas todas elas dizem respeito à nossa vida, seus problemas e desafios.

Uri e Beth vão para Luanda fazer uma experiência de dois meses na companhia dos gaiatos universitários. Devo confessar que quando o sugeri, vi um sim em seus olhos, mas educadamente me disseram que necessitavam de algum tempo para pensar.

Não foi muito, como podeis imaginar. Um tanto para eles. O Lar de Luanda vai ficar sem responsável durante um tempo e eles acompanhá-lo-ão.

Está pronta a sala para as aulas de informática e esperamos começar com elas esta semana, com alunos internos e externos, incluindo mecânica. É mais um contributo para a dignidade de muitos jovens que podem aprender algo mais para a vida. Outros cursos estão a ser pensados. Abrir as portas e dar frutos. Que não nos cortem e não nos deixem secar como lenha, pelo contrário... □

comparecer aos treinos, aos Domingos de manhã, nas instalações da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Também estreamos a secção de atletismo no grande prémio de Luzim, integrada no circuito municipal de atletismo. Para já, somos poucos, mas o objectivo é a ocupação dos tempos livres com a promoção de actividades saudáveis, aliadas à prática desportiva.

SEDE — Tem tido muita visitas. Damos nota, visita do Presidente da Câmara Municipal de Penafiel, Dr. Alberto Santos, nosso ilustre conterrâneo, acompanhado pelo Vereador da Cultura, Dr. Rodrigo Lopes. O Presidente da Edilidade enalteceu a Obra do Pai Américo e incentivou-nos a dinamizar a Associação. Queremos que a sede seja um ponto de encontro e tenha como objectivo estreitar os laços fraternos entre todos. Faz a tua visita, e relembra os tempos passados na Casa do Gaiato. Ficamos à tua espera.

ACTIVIDADES — Continuam em bom ritmo as aulas de desenho e pintura, assim como as de guitarra clássica e cavaquinho. Se tens gosto e vontade de ocupar os sábados, vem até à sede e darás o tempo por bem empregue. Apelemos aos nossos amigos e benfeitores, se tiverem em casa algum instrumento musical e material de pintura de que já não façam uso, se lembrem de nós.

25 DE ABRIL — A Associação promoveu um convívio musical, para assinalar a data. A nossa tocata, comandada pelo Miguel, deu um recital aberto a toda a população de Paço de Sousa, com canções alusivas ao evento, nomeadamente as músicas de Zeca Afonso. No fim, houve um merenda-convívio partilhado por todos aqueles que conosco quiseram confraternizar.

Registamos ainda a presença do Director da Obra, Padre João Rosa, que nos traz sempre uma palavra de conforto e de incentivo para direccionarmos a associação no sentido da sã convivência.

Também nós partilhamos das preocupações que a Obra da Rua sente, para proporcionar o melhor projecto de vida a cada Rapaz.

Estamos certos que fazer de cada Rapaz, um homem, é uma obrigação de todos sem excepção. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PARTILHA — Já não damos notícia das vossas ajudas há uns tempos. Por isso, aqui vai referência àquilo de que nos chegou nota da contabilidade d'O Gaiato referente aos meses de Fevereiro a Abril.

Do assinante 5963 de Paço de Arcos, 250€. Do assinante 58579 do Porto, 500€. Do assinante 78360 de Pereira, Montemor-o-Velho, 50€ por duas vezes. Do assinante 57002 da Senhora da Hora, 200€. Do assinante 51971 de Cacia, 50€. Da Lurdes do Cacém, cá têm continuado a chegar todos os meses os 30€ de "posinhos para os mais pequeninos". Do até então assinante 37230 da Póvoa de Santo Adrião, 30€.

Do casal Pádua de Lisboa, 200€ que estranha "em alguns jornais não vir a rubrica da Conferência, cantinho que gostava de ler e de ajudar". Têm razão. Não é por desleixo, ou porque a Conferência esteja parada. O tempo é que nem sempre dá para conciliar, como deve ser, tudo o que há para fazer. Por isso, às vezes falhamos.

Da Eurica da Senhora da Hora chegou-nos uma grande "pequena migalha" de 200€, dizendo que "a vida está tão difícil". Também a viúva do Evangelho deu do que lhe fazia falta. Aos olhos de Deus que tudo sabe, assim é que tem valor.

Do assinante 71292 de Lavadores chegou-nos o remanescente dos 250€ que enviou para pagar a assinatura e para outros destinos que fossem achados "mais convenientes". Do assinante 32897 de Cardigos, 100€. Do assinante 25881 de Setúbal, 20€. Do assinante 20185 da Amadora, 150€. Do assinante 31878 de Odivelas, 30€. De um assinante anónimo de Avintes, 10€. Da assinante 17486 de Lisboa, o remanescente dos 50 € que enviou para pagamento da assinatura.

Do assinante 71198 com um voto que retribuíssemos de que Deus nos ajude "nas dificuldades do dia a dia", 100€. Da Maria Luísa da Régua, 50€, com a aflição perante "a pobreza que em Portugal aumenta assustadoramente com tanto despedimento". Da Maria S. Neves de Braga, 240€ para "ajudar a pagar na farmácia a quem mais precisa". Bem haja, porque realmente é mesmo para

a farmácia que vai uma boa parte dos vossos donativos. Da Maria Helena da Amadora, um cheque de 100€ que chegou bem. As nossas desculpas por não termos acusado a recepção mais cedo. Da Beatriz, 300€, a pedir desculpa por um "pecado" que não cometeu que é o de ter contas "atrasadas" connosco. A "justificação" pelo "atraso" é aqui "a doença, a falta de trabalho e vários outros problemas". Outra pessoa, como a viúva do Evangelho, que certamente está a dar aos outros do que faz falta para si. Do assinante 59467 de Ponte de Sor, 200€. Da Custódia de Leiria, 40€, "com bastante pena por não ser possível que fosse ao tamanho do meu desejo. Com o pouco que tenho e com os meus oitenta e seis anos não me falta vontade de fazer melhor por quem está pior". Esteja descansada. Para nós, o que faz e o que nos diz é mais do que ao tamanho do seu desejo. Da Maria Adelaide do Redondo, uma "pequena migalha" de 100€ que "chegou ao destino". Do Vasco de Perosinho, novo cheque de 100€ a substituir outro que se terá extraviado. Peço que nos informe, caso tenha acontecido alguma irregularidade a que somos alheios. Da Manuela Costa do Porto, 20€ apesar da "vida difícil e da doença". Da Maria Augusta de Penafiel, 20€ dizendo que é "pouco, mas dado com muito amor e carinho". Nada assim "é pouco". De uma assinante de Fiães que quer anonimato, uma "migalhinha" de 75€ para "aliviar um pouco a conta da Farmácia". Da Casimira de Braga, o remanescente dos 100€ que enviou para pagamento da assinatura. Da Alice de Vilarandelo, um vale de 20€ apesar das "possibilidades que são cada vez menores". Da Maria Hermínia do Porto, 75€ do cheque enviado para ser "aplicado onde as carências forem maiores". Finalmente, da assinante 5963 de Paço de Arcos, 800€.

Bem-haja a todos, do fundo do coração. De alguns temos a certeza, mas dos outros desconfiamos que também nos estão a dar do que vos faz falta. Que Deus vos ajude!

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

No palco

QUANDO é que fazem uma festa? Foi uma interpelação recorrente, aos ouvidos, dos nossos Amigos, que amam os filhos que nos são confiados.

Multiplica-se a publicidade festiva enganosa. O alcoolismo juvenil assusta, as toxicodependências corroem os mais novos, para quem a noite não tem fronteiras. Diante destas sombras sociais, até se teme fazer festa, pública, pois se vão deturpando os encontros saudáveis, da alegria de viver.

No ritmo actual de uma família, em que a Escola vai ocupando mais tempo, os outros momentos exigem uma orientação diferente de outras andanças, em que fazer a quarta-classe já era uma grande oportunidade para os mais pobres.

Como um zumbido, o desafio de tantos Amigos discretos e concretos foi ganhando corpo entre os Rapazes afoitos, especialmente os mais tenros, que não recearam apresentar-se no decalir da Queima das Fitas, coimbrã, no palco principal da cidade, que Pai Américo despertou desde os anos trinta do século XX: "Ai! Que se Coimbra acordasse e fizesse ela,



pela mão dos que podem, o que eu sozinho não posso fazer!"

Em tempo de crises, até de falta de amor, era mesmo um atrevimento, ao fim de um decénio, lançar o cartaz *Gaiatos do Padre Américo em Coimbra*. A porta do Teatro Académico acabou por se abrir, à luz do dia.

Não havia tempo a perder. Foi uma *mosca* que desassossejou, bem, o fervilhar quotidiano de uma família numerosa. E os ensaios aceleraram, na ânsia de botar figura. Na verdade, as artes dramática e musical constituem boas receitas, até para as *moscas* que, às vezes, atormentam o crescimento.

Foram 25 os valentes Rapazes, que deram largas à sua irreverência, no teatro, que a vida em casa também tem refilice pegada e são

irrequietos. Os africanos contorciam-se velozmente. E os mais pequenos, os *Batatinhas*, puseram o público em delírio com canções de sempre. Deixaram aos olhos de Amigos devotos um pensamento grande de Pai Américo: *Eu quero os meus filhos no paraíso*.

A propósito, na sua adolescência, o temperamento alegre e folgazão pareceu óbice, para seu pai, no caminho da Luz...

Quando as luzes da ribalta focaram os pequenos actores, os nossos filhos transfiguraram-se e mostraram, com grandeza de ânimo, diante de um cenário de dramatismos actuais, a alegria e a esperança de uma Família para os sem família, em casa e no palco, da vida! □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Conforto do dia-a-dia

A gente anda cheio. Não do trabalho, apesar de a capacidade física se ir reduzindo; não do muito que a memória do futuro vai acumulando com insatisfação e ânsia; não dos Rapazes que sendo muitos, uns nos vão enchendo o coração e sarando feridas que outros abrem. Cheio de preocupação, sim, pelo futuro ainda tão incerto deste país, que deu os primeiros passos, mas está titubeando e não se endireita para encarar o devir, com confiança em si mesmo.

Começam aflitivamente a faltar lugares de trabalho para os que se vão formando. Não sei se por dúvida de que tantas universidades dêem capacitação sofrível em algumas áreas laborais, ou se realmente não há mesmo tantas empresas e serviços a carecer de gente especializada.

Há duas categorias de serviços que não dão mãos a medir: espectáculos e restauração. Até já chegou a nossa Casa a oferta de encaminhar pré adolescentes a formar-se para os propalados *Fama show*. De resto, mais alguns este ano foram para Hotelaria e Turismo.

Todo o mundo está a encarregar-se para pensar em grande, na vida de um País que nem pernas tem para andar. Quando escrevo pernas, estou a focar aquelas pessoas que de tão obesas mal podem andar. É uma imagem anedótica veridicamente crítica, se recheada de todos os adereços que lhe queiramos acrescentar, por fora e por dentro.

Se a nossa Casa não fora um cantinho abençoado, rodeada de capim e selva, onde até as cobras e macacos entram na Capela, sem macular a presença de Deus que acolhe suave e meigamente quem ali entra, seríamos esmagados pelo mundo da cidade, onde temos de mergulhar todos os dias.

Para lá da Capela grande a que alguém quer chamar de catedral, porque a grandeza interior e a imensidade exterior criam um silêncio tão eloquente e penetrante que põe a alma a descoberto para sentir o toque de Deus, temos a capelinha recolhida dentro de portas. Um grupo de mais pequenos, quase sempre rodeia o Altar. O David o mais irrequieto de todos, há dias assentou o queixo na mesa sagrada e não retirou dali, mesmo no momento mais misterioso da Consagração. Não me atrevi a chamar-lhe a atenção, se estava tão absorvido, e até me ajudou a contemplar o Amor ali figurado. Um vislumbre da vida eterna. Outras vezes fica sentado na cadeira com tanta compostura, a que só mesmo o toque do sobrenatural pode levá-lo. Por vezes é o Américo, este já com doze anos, que começa a cantar: «Jesus Cristo eu te adoro, te ofereço a minha vida, como eu te amo». Todos o acompanham com voz suave e timbrada. É certo que, no momento apropriado, faço um breve comentário das leituras, mas que leitura a sua alma fará do mistério que celebramos juntos? Será que percebem mais pelos sentidos que eu pela mente?

Não fora este o conforto do nosso dia-a-dia e a Casa não se mantinha de pé. Muitos dos mais velhos ali vão e ficam recolhidos, logo pela manhã. Quando os topo lá dentro, recuo discretamente, confundido, com o coração a badalar acção de graças. □

PADRE FRANCISCO

Continuação da página 1

Sempre próximo dos pobres e muitos outros que o não eram a ele se chegavam como conselheiro prudente e amigo.

Muitas vezes podemos beneficiar da sua presença amiga e orante tanto na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo como no Lar do Gaiato de Coimbra. Tudo fazia para que os Rapazes se aproximassem do sacramento da confissão e cada mistério do Rosário era uma autentica meditação da Vida de Cristo. Tinha um jeito muito especial para conduzir os Rapazes à compreensão do sacramento do perdão no respeito pela liberdade pessoal de cada um de forma pedagógica e convincente. Homem de grande vivacidade deixaram saudades na memória as frequentes histórias edificantes com que prendia a pequenada «gaiata». Sacerdote de grande amor à Eucaristia e à Penitência; Homem de grande amor aos pobres tanto nos bairros como nas cadeias: não queria que ninguém passasse fome de Deus e do pão material. O Lar da Pereira, em Miranda do Corvo, e, como bem o salientou Dom Albino Cleto na missa exequial, a Misericórdia de Arganil testemunharam, os últimos arquezos do coração deste sacerdote. De uma forma muito particular acompanhou os passos do Padre Américo e, pautando por ele a sua vida sacerdotal, bem o tornou para si e para outros modelo sacerdotal de Cristo Bom Pastor.

Que, agora junto do Senhor «face-a-face», interceda por nós — assim o esperamos! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NÃO me é possível narrar todos os prodígios que o Património vai fazendo por esse Portugal além. Só Deus toma conta de todos e por eles é glorificado, na alegria e no segredo que Lhe são peculiares.

Os leitores destas linhas, atentos, vão-me abrindo caminho com as necessidades urgentes do seu próximo.

Os Párcos, os Vicentinos, os grupos Caritas e outras pessoas de boa vontade, escrevem ou telefonam pedindo socorro e ajuda... lá vou eu, como enviado de Deus.

É uma intuição que aviva cada vez mais a minha fé, enchendo-me de gozo espiritual, de confiança e gratidão ao Senhor por me entregar este glorioso serviço!...

«Com saudações vicentinas venho solicitar a ajuda do Património dos Pobres. Consiste no seguinte: uma família honesta e trabalhadora, o marido em situação de tetraplégico, a esposa, que é o seu amparo, e uma filha menor estudante construíram uma pequena casa rés-do-chão que se encontra em fase de acabamentos, faltando portas, janelas, carpinteiro interior, louças e tijoleiras.»

Combinado, por telefone, o encontro com o vicentino assinante desta carta, pui no livro de cheques na pasta, entrei no *Honda* que conduzo, me transporta e me foi oferecido em Setúbal; percorro trezentos quilómetros para apreciar a situação.

Era no Minho. A Natureza, de magníficas tonalidades nesta

época, evidenciando vida a rebenatar por todos os cantos, transformava a minha viagem em passeio e o meu peregrinar em prazer.

A casa, construída num acanhado terreno que a esposa herdara, com ajudas de familiares, da Igreja local e da Junta de Freguesia, agradou-me perfeitamente por ser espaçosa, cómoda, cheia de luz e adaptada ao doente.

Acompanhava-me, agora, a dona da casa e o vicentino que, a meu pedido, me levaram ver o tetraplégico.

Uma construção granítica com mais de trezentos anos, de antigos lavradores, era-lhes oferecida a troco do cultivo das terras. Esburacada no soalho carcomido de madeira e no forro de tabuado, envelhecida e fria era um tormento para os seus habitantes e muito mais para o doente acamado.

Tinha sido no pátio dela, que o homem, de trinta e tal anos, a podar uma ramada, caíra, partindo a cervical e ficando irremediavelmente naquele estado, há dois anos.

Hoje, inutilizado, não é visto com bons olhos, pelos senhores, a ocupar aquele casarão que, por não trabalhar, não lhe é devido.

A mulher condoída com o sofrimento do marido, uma senhora larga e fortalecida pelo trabalho do campo, dispunha-se a vender o pequeno tractor com o atrelado e outras alfaías agrícolas para acabar a sua casa e tirar o esposo daquela acrescida mortificação.

Foram os vicentinos que a impediram: — *Como irá depois trabalhar as terras? Espere, que*

a gente vai bater a outra porta!... — Confessaram-me.

Gosto muito de cristãos desta gema. O GAIATO é também a sua cartilha inspiradora e o Património um apoio.

— *Quanto precisa para acabar a sua casa?* — perguntei serena e paternalmente.

A senhora fixou-me com os olhos arrasados de lágrimas e, a custo, enquanto as faces se banhavam e ela limpava disfarçadamente com a mão, disse: — *Cinco mil euros.*

Puxei do livro e escrevi a mesma quantia no cheque que endosseiei à Conferência Vicentina e deposei religiosamente nas mãos húmidas e calejadas daquela grande Senhora: — *Aqui tem para concluir a sua casinha. É mais uma ajuda do Senhor para aliviar a vossa cruz!...*

Muito eu gostaria que os amigos sacrificados pelos Pobres e me ajudassem, presenciassem o momento, em que ela partilhava com o marido imobilizado na cama, o conforto deste auxílio. Não se vê Deus... mas... sente-se!

Até o Pároco me telefonou, quando eu já me conduzia para outras aflições, a dizer-me que estava muito sensibilizado com a ajuda dada àquele casal.

O Património faz bem a toda a gente!... Aos que dão, aos que recebem e aos que testemunham!...

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.º Padre Américo
3000-313 Coimbra. □